

## O caso Umbelina

Fonte: Raimundo Nina-Rodrigues. "A paranóia nos negros: estudo clínico e médico-legal" (1903). Parte 1. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, vol. VII, no. 2, junho de 2004, p. 173-177.

*Delírio de perseguição de evolução sistemática numa negra crioula descendente de negros sudaneses. Fase de agitação manifesta por freqüentes mudanças de domicílio. Delírio de perseguição confirmado; notáveis alucinações da sensibilidade geral; delírio de negação dos perseguidos. Morte em consequência de doença aguda ocorrida após treze anos de delírio de perseguição.*

Umbelina Maria do Bonfim entra no Asilo São João de Deus, na Bahia, em 6 de junho de 1901. Essa negra apresenta as características clássicas de sua raça: altura elevada, cabelos crespos todos brancos, sessenta anos. Filha de dois negros africanos de raça nagô ou iorubá do pequeno estado de Egbá, na Costa dos Escravos. Nascida na Bahia, em 1840. Informações minuciosas e precisas sobre a história da doente nos são fornecidas por uma irmã, por seu filho e por ela mesma. Nenhuma cultura intelectual; entretanto, Umbelina é inteligente e conserva, fora de seu delírio, uma grande lucidez.

### *Antecedentes hereditários:*

As informações sobre os ascendentes são totalmente ausentes. Embora afiliados à seita iorubá, cujos candomblés ou cerimônias religiosas freqüentavam, o pai e a mãe de Umbelina nunca foram sujeitos aos fenômenos sonambúlicos ou histeróides dos sacerdotes ou feiticeiros dessa seita, tão freqüentes em nossos negros, como já mostrei em outra parte (Nina-Rodrigues, 1900a).

Sua irmã é uma negra que se entrega às práticas da feitiçaria africana e que já esteve em *estado de santo* ou de *sonambulismo*. No entanto, ela não apresenta nenhum sinal de doença mental, nem características degenerativas evidentes.

O filho sobrevivente de Umbelina exerce a profissão de latoeiro. É um jovem negro, com vinte e seis anos de idade. Os caracteres de sua raça são mais acentuados nele do que em sua mãe: ele apresenta mais prognatismo, seus lábios são mais grossos e mais caídos. Diz nunca ter tido qualquer doença grave ou sofrido acidentes nervosos. Embora seja bastante esperto, seu aspecto é o de um imbecil: é pesadão, muito humilde e mostra sempre um ar chorão.

Os três outros filhos de Umbelina morreram: um de uma queda, com a idade de um ano; o segundo de febres, sendo ainda bem novo; o terceiro – uma menina – sucumbiu com a idade de vinte anos, atacada por tuberculose pulmonar.

### *História pessoal:*

Nossa doente ganhava a vida vendendo peixe nas ruas, sendo muito ativa em seu pequeno comércio. Essa atividade – como é freqüente na Bahia – fornecia-lhe meios para garantir sem dificuldades as exigências de uma vida modesta,

sobrando-lhe ainda recursos para despesas com alguns luxos, tais como roupas de tecidos vistosos, muito usadas por nossos negros mais abastados. Muitas pessoas que conheceram Umbelina durante os mais de trinta anos em que exerceu sua profissão confirmam plenamente estas informações.

Em 1888, sua filha cai gravemente doente de uma pneumonia tuberculosa, à qual irá sucumbir após longos meses de sofrimentos. Esta perda abala-a profundamente. Desde então, ela se torna rude, vê em todos que a rodeiam uma grande má vontade a seu respeito, desconfia de todo mundo. A idéia de que está sendo enfeitiçada começa a se manifestar. Acha que todos falam mal, zombam dela ou a desprezam. As idéias de perseguição tomam tais proporções que, a partir de 1889, deixa até de freqüentar o Bairro da Preguiça, à beira-mar, onde se encontra o mercado de peixe, que durante longos anos tinha recebido a sua visita cotidiana, pois era lá que se abastecia para seu comércio.

Muda várias vezes de casa e, sempre descontente, acusa seus vizinhos de urdirem tramas contra ela. Parece que então é que começam a se manifestar alucinações auditivas; seu filho nos diz que ela se queixava incessantemente de escutar coisas más ditas sobre ela, de ser constantemente insultada, e mostrava-se espantada que ninguém escutasse o que diziam dela.

Foi mais ou menos nessa época que ela acreditou ter descoberto a origem das perseguições das quais era alvo, na pessoa de uma antiga amiga, sua comadre, que havia amamentado seu filho. As recriminações que dirigia a essa velha amiga e os ressentimentos que manifestava eram tantos que seu filho, ignorando a fonte mórbida desses sentimentos, acreditou na legitimidade de suas queixas e afastou-se de sua babá, com a qual rompeu relações.

Em 1896, o estado de sua doença sofreu uma alteração sensível. Ela continuava a manter seu comércio de peixes, mas sem a mesma energia de antes.

Um dia, tendo saído para realizar suas modestas vendas, volta para casa com o rosto banhado em lágrimas e queixando-se de estar totalmente queimada. As noites seguintes foram uma longa vigília passada num estado de completa exaltação; ela sentia que estavam queimando sua cabeça, até os ombros. Atormentada por essas alucinações, acabou por atribuir a causa de seus sofrimentos a uma velha africana, chamada Maria, antiga conhecida que ela considerava ser uma feiticeira.

Essa velha tornou-se então o objeto de suas preocupações; ameaçava matá-la e um belo dia despeja sobre ela o conteúdo de uma chaleira de água quente. A velha ficou bastante queimada. Depois, foi seu filho que entrou em suas idéias delirantes. Ele estaria em conluio com seus perseguidores e fazia parte deles. Queria castigá-lo a todo instante, abandonava sua casa, passava as noites vagando nas ruas. Não havia mais sossego em casa quando ela estava lá. Foi então que seu filho decidiu solicitar sua internação no asilo, no que foi atendido.

#### *Estadia no asilo:*

Da primeira vez que fomos chamados a examinar Umbelina, ela nos pareceu dominada por um delírio de negação, do tipo Cotard, e como não conhecíamos a doente, esta particularidade chamou nossa atenção.

Ela se queixava de não ter mais nem cabeça, nem mãos, nem pés, nem estômago; mostramos sucessivamente a ela seu nariz, seus olhos etc., colocando-lhe a questão: “O que é isso?”. Ela invariavelmente responde: “Isto não é um nariz, isto não são olhos etc.”, sempre em contra-senso. Renovamos nossa questão mostrando-lhe nossa mão ou nosso braço, e então ela responde: “Ah! Isto é uma mão, isto é um braço”. Ela nos declara que não enxerga mais, que está morta e que só está esperando o caixão para dar o último suspiro.

Insistimos, variando nossas questões e solicitando explicação. Ela revela, então, um simples delírio de negação dos perseguidos. Não tem mais mãos, não tem mais rosto etc., porque a chama devorou tudo, e com os olhos cheios de lágrimas ela mostra a cabeça embranquecida, suas pernas descarnadas, dizendo: “Diga, senhor, por acaso isto é uma perna? É uma cabeça? Veja como tudo está consumido e destruído!”. O fogo destruiu-a completamente. Seu estômago não existe mais; ela come por comer, pois os alimentos passam sem proveito e caem no vazio, já que as chamas nada deixaram em seu corpo. Esse fogo, essas chamas que envolvem sua cabeça, seu pescoço, suas mãos, queimando-a e devorando-a incessantemente, são alucinações da sensibilidade geral. Passando continuamente a mão na cabeça, mesmo quando, distraída, ela pára com as queixas, parece querer apagar o fogo que a consome e se espanta com o fato de que ninguém veja sua ação destrutiva, nem as chamas em meio às quais ela se debate em vão. “Aproxime um pedaço de papel, ela diz, o senhor verá como ele irá pegar fogo.” “Acenda um cigarro no fogo que me envolve.” Joga sobre a cabeça toda água que consegue alcançar e coloca-se sob as torneiras da caixa d’água para apagar o fogo, encharcando-se. É completamente abúlica.

Reclama por trabalho, começa a fazer algo e depois declara que não pode fazer aquilo, que está morta.

Agora, é seu filho o autor de seus sofrimentos. Relata-nos sua vida, sem omitir um detalhe, sem alteração da verdade, tal como a conhecemos, menos no que se refere à parte delirante. Reconhece com facilidade um de nossos colegas que nos acompanha ao asilo, que conheceu quando ele era criança. A família de nosso colega, que durante anos manteve um longo relacionamento com Umbelina, confirma totalmente as informações que ela nos dá.

Hoje, é de seu filho que partem as perseguições. Ele a maltrata. Ele vendeu seus bens, fez com que fosse presa e conduzida ao asilo. É ele que, após uma violenta altercação, acendeu a chama que a devora, enquanto ela dormia sobre uma tábua. Quando ela acordou, uma fogueira estava acesa junto a ela: as chamas passavam por sobre sua cabeça e nunca mais a abandonaram.

No meio de setembro, Umbelina cai gravemente doente. Uma doença infecciosa apodera-se dela de forma aguda. Uma forte diarreia (doença que de tempos em tempos grassa no asilo) agrava sua situação. No dia 19, sou chamado para examiná-la e a encontro excessivamente fraca: pulso filiforme, extremidades frias. No entanto, ela ainda consegue dar alguns passos apoiando-se em duas pessoas. Ela me reconhece, assim como as pessoas presentes, fala-me de seus filhos, me fornece algumas informações sobre eles e continua a se queixar das chamas que a consomem. Ela tem como que surtos, durante os quais grita e pede para ser socorrida, porque estão queimando sua cabeça. Essas crises são de curta duração; são seguidas de

momentos calmos e a doente continua a conversar. Seu estado piora e, dois dias depois, ela sucumbe sem que me tenha sido possível tirar um retrato seu. Umbelina era caolha: perdera um olho por acidente e não apresentava qualquer estigma de degenerescência física, digno de atenção.

Essa observação é curiosa em mais de um sentido. A doença inicia-se tardiamente numa mulher cuja vida, até então, tinha sido ativa e laboriosa, sem qualquer manifestação anterior conhecida de desequilíbrio mental. O delírio de perseguição tem uma marcha lenta, gradual, rigorosamente sistematizada, com alucinações da sensibilidade geral seguidas de reações contra seus perseguidores e também, muito provavelmente, de alucinações auditivas. Essa psicose, que durava já 13 anos e que provavelmente teria se prolongado indefinidamente, se uma doença intercorrente não tivesse fulminado a doente, evidentemente apresenta, em uma negra, todas as características clássicas do delírio crônico.

Seu delírio de negação é um fato curioso. Aqui não se trata de melancolia. Não há na doente qualquer idéia de humildade, de passividade, de resignação, de auto-acusação, nenhum sentido centrífugo do delírio etc. Muito pelo contrário, a acusação, a perseguição, a reação persecutória são evidentes. Trata-se claramente de um delírio de negação do perseguido. Mas, como sabemos, segundo Séglas (1895), esse delírio só pode ser observado em três casos: 1o) nos delírios polimorfos dos débeis, sob a forma de simples idéia de negação; 2o) na hipocondria sistematizada; e 3o) na variedade psicomotora, ou dos perseguidos-possuídos de Séglas. Nossa doente não é uma débil e não pode ser classificada nos outros casos. Coisa igualmente notável, é que a destruição dos órgãos não possui aqui um caráter efêmero, muitas vezes encontrado nesses casos já que suas lesões eram constantemente submetidas a um trabalho de regeneração.

Parece-nos, então, que a observação da qual tratamos tem seu lugar entre os casos de transição que Séglas admite entre o tipo comum dos perseguidos e o dos perseguidos-possuídos. Segundo esse autor, os doentes que se encontram nesses casos são também hipocondríacos, isso sem dúvida para explicar o delírio de negação pelo estado de hipocondria.

Para Sanctis (1900, p. 359) entretanto, certos casos de delírio de negação são verdadeiros casos de delírio por contraste: “Os doentes negadores negam aquilo que antes, ou mesmo no momento do delírio, tinha mais particularmente chamado sua atenção”. Essa teoria explica suficientemente casos como o de Umbelina, em que a persistência e a duração da alucinação da sensibilidade podem fazer compreender o delírio de negação sem a existência de hipocondria. Esse autor demonstra, recorrendo a longas explicações, que a atenção exercida durante um tempo prolongado ou com excessiva intensidade sobre um grupo de sensações ou de imagens produz, imediatamente ou mais tarde, um enfraquecimento das mesmas sensações ou imagens, em vez de um aumento de intensidade; e o costume de certos doentes de fazer certos movimentos estereotipados de proteção para preservar uma parte doente, ou supostamente tal, é para ele uma confirmação de sua teoria. Em Umbelina, a intensidade e o prolongamento, por anos, da alucinação de queimadura, criando o movimento estereotipado de passar a mão na cabeça, poderia satisfazer perfeitamente as condições da produção do delírio de negação por contraste, sobretudo se acrescentarmos a isso as acentuadas características de senilidade e de decadência física que ela mostrava. Sua cabeça era

literalmente branca, o que é bem raro entre os negros, mesmo quando atingem uma idade muito avançada. Ela tinha se tornado extremamente magra, após ter sido gorda e robusta. Finalmente, é preciso assinalar que a negação limitava-se à organização física, e não era absoluta, pois a doente acreditava, por vezes, não mais possuir órgãos ou que eles tinham sido reduzidos ou destruídos.

No que se refere ao conteúdo do delírio, convém ressaltar as idéias de feitiçaria das quais a doente era possuída e seu sentimento de talião, que examinaremos mais tarde.

O delírio crônico teria atingido em Umbelina a sua fase de grandeza? Não é possível afirmá-lo. Falret sustenta que essa transformação só é observada em um terço dos casos. A negativa é igualmente impossível, pois a morte interrompeu o curso da doença. Contudo, a transformação do delírio de perseguição em delírio de grandeza existe e se observa nos negros, como prova a observação seguinte.